

LINHAS DE PESQUISA NO CAMPO DO LAZER

Marcelo Weishaupt Proni¹

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Este texto visa introduzir o leitor no debate acadêmico sobre o lazer, apresentando algumas das principais correntes teóricas que tratam de questões relacionadas com o tema. A exposição está dividida em cinco seções: introdução; o aumento do tempo livre e o direito ao lazer; sociologia do lazer; o lazer; o lazer na cultura de massa; e considerações finais. Ao longo da análise, diferentes linhas de pesquisa nessa área de estudo são sugeridas.

Palavras-chave: lazer; tempo livre; cultura de massa.

RESEARCH LINES ON THE LEISURE FIELD

ABSTRACT: this text aims to introduce the reader into the theoretical discussion on leisure, presenting some of the major interpretations of questions related to the theme. The exposition is divided in five sections: the growth of free time and the right to leisure; sociology of leisure; leisure the in mass culture; and final considerations. Along the analysis, different lines of study on leisure are suggested.

Keyboards: leisure; free time; mass culture.

Introdução

São inúmeras as cenas do cotidiano que podem ser incluídas dentro do universo do lazer, compondo um conjunto extremamente heterogêneo e diversificado de práticas, as quais envolvem pessoas de todas as faixas etária, de todas as classes sociais, das mais variadas profissões, em ambientes muito diferentes entre si. Alguns exemplos podem ser citados: o pai levando o filho ao estádio de futebol; uma turma do colégio jogando vôlei na praia; o comerciante saindo para pescar no fim de semana; a criança soltando pipa com os colegas na praça; o casal de namorados passeando de bicicleta no parque; a senhora nadando na piscina da academia; os executivos suando na quadra de tênis do clube; a menina se alongando na aula de *ballet*; o policial correndo pelo bairro no dia de folga; a platéia aplaudindo o cantor de pagode; a dona de casa se distraindo com a novela das oito; os *skatistas* executando manobras radicais na rampa do prédio; a filha do deputado esquiando na represa; o fazendeiro bebendo na festa de rodeio; os garotos brincando de bola na rua da favela; o palhaço emocionando o público no circo; os turistas fotografando uma

roda de capoeira; a passista sambando na quadra e ensaiando para desfilas no carnaval.

Ao visualizar essas cenas, é fácil associar certas emoções e imprimir movimento a cada ação. Pode-se dizer que os interesses, sentimentos e atitudes a elas relacionadas – como diversão, prazer, liberdade – permitem incluí-las num mesmo campo de observação. Mas, dependendo do olhar de quem observa cada cena pode revelar facetas e significados distintos, suscitando perguntas que podem ter mais de uma resposta válida.

Existe uma pluralidade de estudos sobre as diferentes concepções e os lugares que ocupam as atividades de lazer na sociedade contemporânea, o que torna muito difícil fazer referência a toda variedade de pesquisa existente na área. As primeiras pesquisas científicas sobre o tema procuravam enfatizar as relações significativas que se estabelecem entre o lazer e o trabalho. Depois, foram englobados outras dimensões da vida social, como a política, a religião e a educação. Recentemente, ganharam destaques os estudos que se preocupam em analisar as implicações de o lazer se transformar em atividade voltada para um mercado em expansão, e os privilegiam a associação entre

¹ Docente do Instituto de Economia da Unicamp-SP e do Departamento de Educação Física da UNIPAR-PR. Doutor em Educação Física e Mestre em Ciências Econômicas. E-mail: mnwproni@eco.unicamp.br

lazer, meio ambiente e qualidade de vida. De fato, À medida que a sociedade avança, surgem novas questões e novos interesses, o que exige uma revisão constante da literatura.

Embora não pretenda discutir toda a gama de estudos pertinentes, este texto visa introduzir o leitor no debate acadêmico que se trate nessa área, apresentando de forma bastante sintética algumas das principais correntes teóricas que tratam de problemáticas relacionadas com o tempo livre e o lazer nas sociedades contemporâneas. Nas considerações finais, acrescentam-se alguns comentários sobre esse novo campo de estudo que se abriu para os alunos e profissionais de Educação Física.

O Aumento do tempo livre e o direito ao Lazer

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que muitos autores consideram ter sido na sociedade urbano-industrial que o lazer apareceu como uma esfera isolada, contraposta ao trabalho, no interior da vida social (MARCELLINO, 1998).

É evidente que manifestações lúdicas são frequentes no curso da História, mas as formas de satisfazer a necessidade humana de diversão e confraternização teriam mudado substancialmente desde o final do século XVIII. Por outro lado, à medida que o progresso material, a revolução burguesa e o avanço do processo civilizador alteravam radicalmente a face das sociedades modernas, as atividades recreativas permaneceram restritas às pessoas mais ricas e às classes médias, colocando o direito ao lazer como uma questão fundamental para o direito ao lazer como uma questão fundamental para o movimento operário emergente do século XIX. Vejamos como esse debate evoluiu até os dias de hoje.

Com o advento da Revolução Industrial, não só o tempo dedicado ao trabalho passou a ser controlado pela máquina, mas a própria disciplina do trabalho acadêmico sendo transposta para outras esferas da vida social (THOMPSON, 1979).

A crescente utilização do relógio mecânico e do calendário político transformou a mensuração do tempo numa forma de controle social. E a disponibilidade de tempo fora do trabalho, ou *tempo disponível* – que é contratualmente estabelecido, mas socialmente produzido pelo progresso do capitalismo – tornou-se um dos elementos-chave na organização social do mundo moderno (GEBARA, 1994).

Na Europa, a industrialização eliminou muitas ocupações, intensificou a jornada de trabalho, pressionou os salários e degradou as

condições de trabalho. Quando a luta da classe operária deixou de se ater ao direito ao trabalho, na segunda metade do século XIX, a luta pela melhoria da situação da classe trabalhadora pôde ser direcionada para a redução da jornada semanal de trabalho. Se durante a implantação do sistema fabril e a disseminação das minas de carvão a jornada diária havia alcançado mais de 14 horas, depois das contestações de 1848, a legislação trabalhista na Inglaterra e na França impôs um limite de 10 horas diárias, 60 horas semanais. Conseqüentemente, em 1870, o número médio de horas trabalhadas por ano, nesses países, situava-se pouco abaixo das 8.000 horas.

Quando LAFARGUE (1990), em seu discurso contra o trabalho alienado – publicado em 1880, no início da Segunda Revolução Industrial -, defendeu uma jornada semanal de apenas três horas, a sua intenção não era enaltecer a preguiça, e sim, encaminhar a luta pela emancipação da classe operária dos ditames de ideologia burguesa. Embora o discurso do autor não tenha surtido o efeito esperado, indica a existência de uma consciência política de que o acesso ao lazer, nos países industrializados, dependia antes de tudo da conquista de um tempo livre das obrigações laborais.

Na Inglaterra, a dilatação do tempo de descanso para os trabalhadores nos fins de semana foi um fator decisivo para terem surgido, desde meados da década de 1880, novas modalidades de lazer destinado à classe operária – como no caso do futebol nas tardes de sábado. Entretanto, isso não implicou a democratização do acesso ao lazer, em particular porque este dependia cada vez mais de desembolso monetário. De fato, muitas atividades estavam vetadas àqueles que não possuíam o *status* requerido. Em outras palavras, como bem mostrou HOBBSAWM (1988), para as classes mais abastadas, as atividades recreativas e os passatempos continuaram constituindo um indicativo de pertencimento social, um modo de demonstrar a inclusão em determinado círculo social. Nos Estados Unidos, o fenômeno era semelhante ao que ocorria na Europa.

Não surpreende que VEBLEN (1987), escrevendo no final do século passado, tenha qualificado o lazer nos círculos burgueses como uma atividade conspícua, um estilo de vida ostentatório de iguês aristocráticas.

Na primeira metade do século XX, houve uma significativa redução da jornada de trabalho e um correspondente aumento do tempo livre das camadas trabalhadoras da população,

simultaneamente na Europa e na América do Norte. Pouco antes da Primeira Guerra, nos países industrializados a jornada já havia se reduzido para algo próximo de 48 horas semanais; e após a Segunda guerra, na maioria desses países adotou-se a jornada de 40 horas. Estimase que um trabalhador norte-americano trabalhava, em média, cerca de 2600 horas por ano em 1913; e menos de 1900 horas em 1950, graças também à limitação de horas-extras e às férias anuais remuneradas (BOSCH, DAWKINS & MICHON, 1994).

Durante esse período, a mobilização em torno da redução da jornada de trabalho continuou se fundamentando, para os socialistas e demais opositores ao sistema capitalista, na luta pela emancipação da classe operária. Exemplo disso é o livro de RUSSEL (1977), publicado em 1932, no qual o autor propõe uma jornada de quatro horas diárias.

Mas, a partir dos anos setenta, essa luta foi ganhando novas tonalidades, novos argumentos. Talvez a principal referência seja a obra clássica de GORZ (1980), na qual o autor encara a redução da jornada como uma estratégia para combater o desemprego estrutural que começava a ameaçar a ordem social na Europa. Ao mesmo tempo, ele alerta para o fato de que a mera redução do tempo de trabalho não é capaz de produzir uma emancipação da classe trabalhadora. E conclui que apenas uma revolução cultural – na mentalidade e nos costumes – poderia conduzir a uma sociedade essencialmente diferente, livre da tirania do capital.

O direito universal ao lazer só foi reconhecido recentemente, nos anos noventa. Em 1998, no Congresso Mundial de Lazer realizado em São Paulo, esse foi um dos pontos mais debatidos. O problema é que nem sempre as políticas públicas encaram o lazer como uma prioridade social – especialmente nos países em desenvolvimento, onde as carências sociais são enormes – criando uma separação prejudicial entre o atendimento das necessidades básicas da população e a democratização do acesso ao lazer (GUTIERREZ, 1998).

A Sociologia do Lazer

No campo das Ciências Sociais, um dos primeiros autores a considerar o lazer como objeto de estudo sistemático foi DUMAZEDIER (1979), que procurou estabelecer critérios precisos para avançar no conhecimento das formas e significados do lazer na sociedade industrial, fundando uma *sociologia empírica do lazer*. Ela

tomou como ponto de partida a dicotomia entre trabalho e ócio, argumentando que para identificar uma atividade como *lazer* é preciso combinar dois critérios: tempo e atitude. Quer dizer, é preciso que o indivíduo esteja desfrutando de seu *tempo livre* (liberado de suas tarefas ocupacionais e, também, das obrigações familiares e sociais) escolha uma atividade que possua quatro características básicas: caráter liberatório (livre de obrigações externas), caráter desinteressado (finalidade em si mesma), caráter hedonístico (busca de prazer) e caráter pessoal (voltado para si próprio). Em adição, as três funções do lazer são: **a)** recuperação do estresse; **b)** divertimento, liberação do tédio; e **c)** expressão do poder criativo. Mas ele adverte que os indivíduos podem assumir posturas diferenciadas com relação a uma mesma atividade de lazer, podendo ter um comportamento conformista (consumo passivo), crítico (negação de valores e recusa da atividade) ou criativo (reconstrução da prática ou do seu significado).

Para retirar a análise, DUMAZEDIER (1979) propôs classificar as atividades de lazer de acordo com o tipo predominante de interesse, criando uma tipologia com cinco categorias: as atividades artísticas, as físico-esportivas, as intelectuais, as manuais e as sociais (posteriormente, foi acrescentada uma sexta categoria para as atividades turísticas).

Também mostrou a importância de relacionar o tipo de lazer com a faixa etária da população analisada (infância, adolescência, vida adulta, terceira idade) e de comparar as preferências por classe social (ou ocupacional). E argumentou que, além de fatores socioeconômicos, também havia aquelas de ordem cultural que podiam restringir ou bloquear o acesso ao lazer.

Outra referência importante é PARKER (1978), autor de um livro consagrado sobre a sociologia do lazer, que separa os estudos sobre o tema em duas abordagens explicativas: a institucional-estrutural (que enfatiza o modo como estão organizadas e como se desenvolvem as atividades) e a cultural (que analisa os valores, as atitudes e o lugar das práticas em cada comunidade).

A principal discordância desse autor diz respeito ao papel desempenhado pelo fazer na mudança das estruturas sociais: a sociedade urbano-industrial não estaria se encaminhando para uma *civilização do lazer* (como afirmava DUMAZEDIER, 1979) e sim para uma *sociedade com lazer*, porque o lazer contemporâneo reflete e reproduz, para ele, as mesmas feições e relações

sociais que caracterizam o mundo do trabalho industrial.

Um exemplo de abordagem *institucional-estrutural* pode ser encontrado em BOURDIEU (1983), na sua teoria dos campos. Para ele, a prioridade de uma investigação sociológica da cultura deveria ser a análise da estrutura (e da mudança estrutural) desse espaço de práticas sociais. Explicando melhor e agentes que constituem o campo do lazer, assim como suas propriedades mais gerais, e como se estabelece a oferta e a procura por certas modalidades e signos culturais.

Tomando como exemplo o esporte, BOURDIEU (1990) confere uma ênfase especial para as razões da adesão a esta ou aquela modalidade, ou melhor, pra a relação entre o *habitus* de uma classe social, as características intrínsecas de cada esporte e a função social que lhe é atribuída. O mesmo raciocínio se aplica à dança e às artes em geral. Seu argumento se baseia na constatação de que cada prática cultural é portadora de valores socialmente definidas por certas práticas e formas de entretenimento com o estilo de vida e o padrão de consumo de cada classe social, assim como a diferenciação derivada das diferenças de gênero, idade, etnia e outras características socioculturais.

Em complemento, merece menção a abordagem *cultural* de ELIAS (1992), que procura compreender o significado do lazer tomando como referência o processo civilizador. Como mostra o autor, o sucesso e a grande demanda por fazer na sociedade moderna guardam estreita relação com o desenvolvimento de mecanismos de autocontrole social, quer dizer, com o fato de os indivíduos terem de aprender a controlar seus instintos e a conter sua violência. A necessidade de lazer não se explica, portanto, pelo mundo do trabalho e sim pelo desejo de liberação do autocontrole (imposto pelo processo civilizador) e do tédio das rotinas diárias. O tempo livre é assim dividido de acordo com o grau de *rotinização* em três tipos:

- 1) atividades rotineiras 9cuidados pessoais com a casa e com a família);
- 2) atividades de desenvolvimento pessoal (estudo, *hobbies*, religião) e;
- 3) atividades de recreação e lazer (jogos, festas, passeios).

A riqueza dessa abordagem está em, demonstrar que as atividades tipicamente de fazer são aquelas que permitem um “descontrole controlado das emoções” (ou seja, que os indivíduos experimentem um relaxamento de suas corações e uma tensão emocional agradável, sem

que isso colocasse em risco sua integridade física e a convivência com seus pares), assim como destruir a rotina., quebrar certas regras sociais, correr risco e gerar uma excitação agradável.

O Lazer na Cultura de Massa

Outra vertente de estudos do lazer é aquela que o situa no interior da cultura de massa, isto é, que procura entender como a massificação social produz mudanças profundas no modo como as pessoas se divertem.

Muitos desses estudos se baseiam nos escritos de MORIN (1990), que no final dos anos 50 definiu o lazer predominante nas sociedades contemporâneas como um estilo de vida padronizado, um modo de as pessoas se afirmarem como indivíduos privados. Para ele, a cultura de massa pode ser considerada como uma gigantesca ética do lazer, que deixou de ser um tempo de repouso e de recuperação para se tornar um tempo de consumo.

Como se trata de uma sociedade fundada na afirmação do sucesso pessoal e na visibilidade social, a cultura de massa necessita de modelos de comportamento, de estereótipos de personalidade que alimentem as aspirações de uma vida de bem-estar e felicidade conquistados no mercado e no lazer, pois o ideal da cultura do lazer é a vida dos olímpianos modernos, os astros e heróis do cinema e do esporte (MORIN, 1999).

A cultura de massa leva modelos culturais a todos os domínios – permeia as relações amorosas, o conceito de beleza, o vestuário, o erotismo, as mais variadas facetas do viver – e dá origem a *modelos de personalidade*. Tais modelos sociais decorrem da necessidade do sistema econômico de ampliação contínua dos mercados de bens e serviços, por um lado, e da poderosa ação dos meios de comunicação de massa, por outro. E é nesse sentido que a cultura de massa, enquanto portadora de valores tais como individualismo, imediatismo e consumismo, requer a substituição recorrente dos produtos e dos próprios modelos, criando um mercado cultural onde os bens são necessariamente efêmeros e tudo se substitui rapidamente.

É importante lembrar que MORIN (1990) se aproxima, em muitos aspectos, da abordagem da Escola de Frankfurt, que também desenvolveu uma crítica consistente à chamada *indústria cultural* e viu o lazer como componente da lógica de reprodução do sistema capitalista, tanto por sancionar a ideologia do sistema como por alimentar a expansão dos mercados (COHN, 1986).

Porém, à medida que a padronização e a homogeneidade da produção industrial deram lugar à diferenciação dos modelos e à segmentação dos consumidores, a idéia de massificação cultural foi se tornando obsoleta. De qualquer forma, permanece válida é visto como um conjunto de atividades guiadas pela lógica do mercado e difundidas pelos meios de comunicação de massa (FEATHERSTONE, 1995).

Deve-se mencionar que a tese da massificação cultural levou alguns pesquisadores a investigar a relação que se estabelece entre a chamada *cultura popular* e a *indústria cultural*, procurando entender como essa relação dialética se manifesta no cotidiano de comunidades urbanas.

No Brasil, tornou-se clássico o estudo de BOSI (1973), que pesquisou os hábitos de leitura de mulheres operárias. Posteriormente, outro estudo bastante citado (este no campo de Antropologia) foi o livro de MAGNANI (1984), no qual o autor examina o circo-teatro de periferia e o modo como as novelas de televisão afetaram o espetáculo. Em ambos estudos ficam evidentes a importância de entender o lazer contemporâneo – inclusive o das camadas mais pobres da população tendo como parâmetro a produção cultural para um público de massa.

Mais recentemente, pesquisadores de diferentes áreas têm dado grande importância à influência da cultura de massa sobre o modo como se organiza o lazer contemporâneo. Entre tais estudos, podemos citar o de TRIGO (1993) sobre o turismo na sociedade pós-moderna, o de COURTINE (1995) sobre o narcisismo do culto ao corpo nas academias de ginásticas e o de PRONI (1998) sobre o esporte-espetáculo na era da globalização.

Considerações Finais

Este texto não se propôs a realizar uma comparação de conceitos tipologias, nem uma contraposição dos argumentos utilizados por cada corrente de pensamento examinada, o que propiciaria uma melhor percepção da riqueza do debate. Em razão da limitação de espaço, o texto

se restringiu a uma exposição simplificada dos distintos pontos de vista, acrescentando que o leitor se sentirá inspirado a consultar as obras referidas e a prosseguir sua pesquisa com outras leituras.

Como indicação adicional, deve-se mencionar o excelente estudo de ROJEK (1985), no qual são discutidas outras correntes teóricas e são abordados pontos importantes das teorias do lazer, como os processos de privatização e individualização. Outras referências bibliográficas pertinentes sobre as várias abordagens do tema podem ser encontradas na coletânea de estudos organizada por BRUHNS (1997).

Uma única explicação teórica não pode abarcar as múltiplas dimensões e os diferentes significados que as práticas lúdicas assumem no mundo atual. Portanto, é improvável que uma *teoria geral do lazer* possa ser válida e suficientemente ampla para prover respostas satisfatórias a todas as questões que se colocam nesse campo de investigação.

De qualquer modo, não era intenção do texto eleger a melhor abordagem para cada linha de pesquisa, ou escolher uma teoria em detrimento de outras. Cada pesquisador deve selecionar, entre as diferentes abordagens, aquela que parece mais apropriada para responder as suas indagações.

Por outro lado, a pluralidade de teorias, a diversidade de enfoques metodológicos e as distintas concepções sobre a natureza do objeto de estudo surgem que as pesquisas nesse campo requerem uma abordagem multidisciplinar, que permita abarcar os diferentes significados atribuídos às inúmeras modalidades de lazer observadas na sociedade contemporânea. Em razão dessa multiplicidade de estudos, porém, é compreensível que o debate em torno das teorias do lazer seja marcado por uma dificuldade de diálogo entre os interlocutores.

Nos cursos de Educação Física, de um modo geral, privilegia-se a recreação e os conteúdos lúdicos das atividades físicas, mas ainda há pouco espaço para disciplinas que examinem os aspectos socioeconômicos, políticos e culturais do lazer. De fato, a produção científica na área é relativamente recente (no Brasil, começa nos anos 80 com o surgimento da pós-graduação). Não obstante, a Educação Física tem-se mostrado uma área privilegiada para debates acadêmicos e trabalhos científicos interdisciplinares. Não é de estranhar, portanto, que as principais pesquisas nesse campo de

estudo, no país, estejam sendo feitas nas faculdades de Educação Física.

Um último comentário, que fica como sugestão para uma discussão posterior. Nesse momento de reestruturação econômica e de importantes mudanças sociais e políticas, em que se volta a falar no surgimento de uma “civilização do tempo livre”, a reflexão acadêmica se torna vital para a melhor preparar os futuros profissionais que atuarão no mercado de trabalho emergente. Sem dúvida, será necessária uma sólida fundamentação teórica para enfrentar os desafios de “educar os cidadãos para o lazer”, no início do novo milênio.

Referências

- BOSHO, g.; DAWKINS, P. & MICHON, F. *Times are changing*. USA: ILO, 1994.
- BOSI, Eclea. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operários*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre, *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BORDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRUHNS, Heloisa T. (org) *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: Unicamp, 1997.
- COHN, Gabriel. (org) *Theodor W. Adorno: sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.
- COURTINE, Jean J. Os stakhanovistas do narcisismo. In: SANTANA, D. (org) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva/Sesc, 1979.
- ELIAS, Nobert. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, N. & DUNNING, E. *a busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- GEBARA, Ademir. O tempo na construção do objeto de estudo da história do esporte, do lazer e da educação física. In: *COLETÂNEA do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ponta grossa: UEPG, 1994.
- GORZ, André. *Adeus ao proletariado para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- GUTIERREZ, Gustavo L. Lazer e pobreza: uma falsa questão. In: GUTIERREZ, Gustavo L. *Conexões: educação, esporte, lazer*. Campinas, 1998, n. 1, pp. 30-37.
- HOBBSAWM, Erick. *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça e outros textos*. São Paulo: Mandacaru, 1990.
- MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARCELLINO, Nelson. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- MORIN, Edgard. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- PARKER, Stranley. R. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PRONI, Marcelo W. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Campinas: Unicamp, FEF, 1998. (Tese de doutorado em Educação Física).
- ROJEK, Cris. *Capitalism and leisure theory*. USA: Tavistock Publications, 1985.
- RUSSELL, Bertrand. *Elogio do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- THOMPSON, E. P. Tiempo, disciplina del trabajo y capitalismo industrial. In: THOMPSON, E. P. *Tradición, revuelta y consciencia de calase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Crítica, 1979.
- TRIGO, Luis G. G. *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. Campinas: Papirus, 1993.
- VEBLEN, Thorstein. *Teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.